

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Serra (Gr. Jde) Class.: 288

Data: 08.05.91

Pg.: _____

Polícia espera precatória para a exumação de Marçal

A carta precatória que pede a exumação dos restos mortais de Marçal de Souza não havia chegado ao Fórum de Dourados até, às 18h00 de ontem. O despacho foi feito na manhã de segunda-feira pelo Juiz Luiz Carlos Saldanha Rodrigues, de Ponta Porã. Pouco mais de 120 quilômetros separam as duas cidades. A atitude do juiz já provoca reações da comunidade.

O cadáver do líder indígena Marçal de Souza, morto a tiros há quase sete anos e meio, está enterrado no Cemitério Santo Antônio de Pádua, em Dourados. Saldanha Rodrigues quer a exumação para esclarecer dúvidas. Ele tomou esta decisão exatamente no fim do prazo estabelecido para pronunciar se os principais acusados do crime vão a julgamento.

Segundo o inquérito da Polícia Federal sobre o caso, a trama da morte de Marçal de Souza teria como mentores o fazendeiro Líbero Monteiro de Lima e o capataz dele, Rômulo Gamara, que está foragido. O assassínio teria ocorrido pela resistência de Marçal em evitar que os in-

Vida marcada pelas lutas

O líder indígena Marçal de Souza se tornou conhecido por defender com intransigência o povo dele. Ele não queria que os índios deixassem as aldeias e fossem ao encontro da miséria das cidades. O medo de Tupã-Y quanto à pobreza branca era ver os irmãos de todas as nações (Guarani, Guatá, Ofayé-Xavante, Terena, Kadiwéu) se transformando em trabalhadores bóias-frias e empregados domésticas.

Chamado de Deus Pequeno pelos guarani, Marçal de Souza mostrou a grandiosidade dele em pelo menos duas ocasiões: Em 79, quando discursou na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, nos Estados Unidos, defendendo a cultura e a vida indígena na América Latina. Já no mês de julho do ano seguinte, o papa João Paulo II visitava o Brasil e foi saudado por Marçal na Capital do Amazonas, Manaus. Ali, denunciou ao Papa a espoliação do povo indígena pelos brancos, que tomam as terras e não dão condições de sobrevivência ao índio.

Nesta vida de lutas, Tupã-Y fez muitos inimigos, mas também inúmeros amigos. Um deles foi o antropólogo e atual senador pelo PDT fluminense, Darcy Ribeiro. Na missa de sétimo dia da morte do líder indígena, o então vice-governador do Estado do Rio de Janeiro anunciou: "Enquanto os assassinos de Marçal de Souza não forem identificados e punidos, Mato Grosso do Sul terá sua história manchada de sangue".

dios da Aldeia Pirakuá, em Bela Vista, abandonassem o local dando sinal verde ao fazendeiro para explorar as terras.

MOROSIDADE

O crime aconteceu em 25 de novembro de 1983, quando Marçal de Souza dormia ao lado da mulher dele, na Aldeia Campestre, em Antônio João. Desde então, o processo vem se arras-

tando sem que os matadores do líder indígena sejam punidos. A morosidade judicial já virou sinônimo de impunidade institucional.

«Lamentável e frustrante». Foram as definições encontradas pelo presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos «Marçal de Souza», o advogado Ben Hur Ferreira, quanto à decisão do Juiz Saldanha Rodrigues. De acordo com Ben

Hur, «Ele (o juiz) tinha que anunciar se os apontados no inquérito da Polícia Federal como responsáveis pela morte de Marçal iriam sentar no banco dos réus e não enviar carta precatória para Dourados pedindo exumação do cadáver».

O advogado adianta que o CDDH vai mobilizar a opinião pública para que este seja o último ato moroso da Justiça com relação ao caso. Ben Hur promete lutar com a intenção de envolver entidades como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Associação Kagauteca. «Vão ser mais trinta dias de angústia até o resultado da necropsia. Espero que depois disso haja avanços», afirma.

O juiz Luiz Carlos Saldanha Rodrigues, também presidente do Tribunal do Júri de Ponta Porã, não vê nada de anormal na atitude dele. «Há dúvidas no inquérito sobre o laudo médico e o exame de balística. A Justiça precisa eliminá-las antes de anunciar o julgamento dos acusados. Qualquer juiz na minha situação faria o mesmo», observa ele.